

A Empregada e o Cliente

Celso Alvarez Cáccamo

2 de junho de 2013

Um diálogo típico num estabelecimento numa cidade da Galiza, por exemplo numa cafetaria:

A Empregada: *¿Qué le pongo?*

O Cliente: Um cafezinho. Com leite.

Empregada: *Muy bien, con leche.*

Cliente: E algo doce também. Algo com chocolate. Que tem?

Empregada: *Tengo brownies. ¿Quiere?*

Cliente: Sim, ponha-me um.

Empregada: *Son muy buenos.*

Desde o balcão, minutos más tarde:

Empregada (cordial): *¿Le gusta?*

Cliente: Sim, muito bom.

O Cliente termina e aproxima-se do balcão:

Cliente: Que lhe devo?

Empregada: *Son cuatro con ochenta.*

O Cliente deixa uma nota de cinco euros:

Cliente: Deixe assim. Obrigado.

Empregada: *Gracias.*

Apesar das aparências do diálogo, Empregada e Cliente têm uma coisa em comum: as duas pessoas falam a sua segunda língua, a que aprenderam e começaram a usar bastante depois da infância. É evidente pelo acento. O Cliente tem uma curiosidade:

Cliente: A propósito, de que parte do Brasil é?

Empregada (sorridente): *De Porto Alegre. ¿Lo conoce?*

Cliente: Não, não conheço, mas gostaria de ir.

Empregada: *Ah, sí, es muy bonito.*

Cliente: Bom, até outra.

Empregada: *Hasta luego, gracias.*

O Cliente, que tem anos a pensar sobre isto das línguas, confirma para si: “Definitivamente, galego, português e brasileiro são a mesma língua. E @s seus falantes, sobretudo nativ@s, também são iguais”.

O Cliente não sabe quando mudaremos, se é que mudaremos. Nem se nos deixarão mudar, se... se é que na verdade existe algo “superior” que não nos deixa agora, em lugar de nós propri@s. Recuperar o *valor social da língua* (não reproduzir o poder económico, não manter a miragem

puramente cultural) implica novas estratégias, novas posições de dignidade que desafiem o que parece “superior”.